

Cidadania e Reforma Psiquiátrica: Construção Política do Aluno de Psicologia no Programa de Extensão em Saúde Mental - PUC/Betim

Área Temática de Saúde

Resumo

Esse texto traz o relato do Programa de Extensão em Saúde Mental desenvolvido junto ao Curso de Psicologia da PUC/MG-Campus Betim. O objetivo geral do programa é a capacitação do futuro psicólogo que irá atuar no campo da Saúde Mental, buscando aprimorar a prática de intervenção junto ao campo assistencial e familiar, e a reflexão crítica acerca da superação dos preconceitos envolvidos com a figura da loucura. A metodologia utilizada é participativa, tendo o programa sido construído e vindo sendo sustentado por uma parceria efetiva entre a Prefeitura de Betim e a universidade, através de atividades apoiadas na perspectiva inventiva da clínica em movimento. Os principais resultados são ilustrados pela melhoria da qualidade na assistência em Saúde Mental, através da potencialização da prática do profissional impulsionada pela presença do acadêmico em campo, além de se efetivar nas monografias e trabalhos acadêmicos produzidos pelos alunos envolvidos no programa e contratação profissional junto à Prefeitura. A extensão favorece a formação profissional conferindo-lhe uma característica crítica e operativa que faz toda a diferença na prática do psicólogo, conferindo a sua profissão uma preocupação comunitária com a aplicação dos conhecimentos adquiridos que evidencia a função social da universidade.

Autores

Andréa Maris Campos Guerra - Psicóloga, Mestre em Psicologia Social/UFMG, Doutoranda em Teoria Psicanalítica/UFRJ, Professora Assistente III, Coordenadora e supervisora do Programa de Extensão em Saúde Mental da PUC-Betim.

Renato Diniz Silveira – Psiquiatra, Mestre em Psicologia Social/UFMG, Doutorando em Educação/UFMG, Professor Assistente III, Supervisor do Programa de Extensão em Saúde Mental da PUC-Betim.

Roberta Carvalho Romagnoli - Psicóloga, Mestre em Psicologia Social/UFMG, Doutora em Psicologia Clínica/PUC/SP, Professora Adjunto III, Supervisora do subprojeto de extensão Saúde Mental e Família da PUC-Betim.

Instituição

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Palavras-chave: saúde mental; reforma psiquiátrica; cidadania

Introdução e objetivos

Dentre as principais questões presentes hoje no campo da Saúde Mental está a da formação e capacitação de recursos humanos. A reforma psiquiátrica brasileira, hoje com mais de vinte anos, encontra-se solidificada através do modelo antimanicomial e aberto da assistência, conforme orientação da legislação federal (Lei nº 12.684/97) e da legislação estadual (Lei nº 11.802/95). Depois de sedimentada no plano político e operacional, a proposta de reorganização da assistência em Saúde Mental, surgem os problemas referentes à sua manutenção.

Nem sempre a formação do trabalhador da Saúde Mental, seja em nível técnico, seja em nível universitário, é atravessada pela discussão ética e crítica referente à reforma

psiquiátrica. Além disso, os concursos públicos, apesar de muitas vezes reunirem bibliografia pertinente ao campo, não exigem nenhuma capacitação prévia, trazendo, no máximo, a experiência pregressa do funcionário na contagem de pontos para aprovação. Entretanto, nem mesmo essa experiência é garantia de um percurso junto ao campo reformulado da Saúde Mental, estruturado em torno da desinstitucionalização da loucura, entendida enquanto ruptura com as práticas e teorias que sedimentaram uma relação de poder e assujeitamento do louco ao saber dominante da psiquiatria tradicional, caracterizando de maneira estigmatizada a experiência da loucura a partir da idéia de periculosidade e incapacidade.

As universidades, que trazem cursos na área da Saúde, ocupadas em cumprir as diretrizes curriculares exigidas pelo Ministério da Educação, por um lado, e potencializando sua ação junto às demandas sociais, por outro, começam a pensar formas de atualizar seus currículos, modernizando-os e tornando-os mais aptos a gerir as demandas advindas do mercado de trabalho.

Em Betim, em particular, a reforma psiquiátrica vem solidificando o modelo antimanicomial (LOBOSQUE, 2003) na assistência através da ampliação da rede aberta de dispositivos e da reformulação do trabalho já existente. Por seu turno, o curso de Psicologia da PUC no município busca capacitar o futuro técnico de nível superior em Psicologia, seja através de disciplinas teóricas, de projetos de estágio e/ou de extensão no campo da Saúde Mental. Assim, preocupada com a formação do futuro psicólogo que deseja trabalhar no campo da Saúde Mental, nosso curso tem dado sustentação ao programa de extensão que segue abaixo discutido. Ao promover a reflexão e a prática nesse território, entendemos que a universidade cumpre, ao mesmo tempo, com sua função de formação profissional e de responsabilidade social, através da atividade extensionista.

Entendemos a extensão universitária enquanto um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, viabilizando assim a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Através da extensão a comunidade acadêmica alcança, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis do conhecimento acadêmico que se encontra, nesse processo, associado ao conhecimento popular. De acordo com Nogueira (2000), são conseqüências da extensão: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico; a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

Dentre as várias atividades de extensão, nos deparamos com a prestação de serviços à comunidade, sendo que esse é o espaço em que o compromisso social da universidade vigora e opera através de ações de promoção dos valores democráticos, da igualdade e desenvolvimento social, resgatando a cidadania como valor norteador das suas atividades que são direcionadas à luta contra a dependência econômica, cultural e política. As universidades federais vêm realizando fóruns, como esse nacional, com o objetivo de estabelecer linhas nacionais de extensão, estabelecidas dentro de áreas temáticas. Cada área temática congrega vários cursos, sendo o trabalho de característica interdisciplinar. Dentre essas várias áreas a que, em nossa perspectiva, mais se afina com o projeto pedagógico do curso de Psicologia da PUC-MG/Betim e com esse programa de extensão é Promoção à saúde e à qualidade de vida.

Iniciado em 1999 com uma proposta curricular voltada para a formação crítica e política do discente, nosso curso busca associar aos fundamentos epistemológicos e éticos da Psicologia o raciocínio sócio-crítico que permite ao futuro profissional intervir na realidade que o cerca. Assim, além de disciplinas teóricas fundamentais e profissionalizantes, associamos as de teor psicossocial, tais que Políticas Sociais ou Psicossociologia. Nesse sentido, a extensão se torna condição *sine qua non* para que essa proposta se concretize, profissionalizando o acadêmico com ferramentas que o auxiliem a melhorar a qualidade de vida da população, democratizando o uso do ensino superior e do conhecimento acadêmico.

Além disso, a saúde é uma de nossas áreas de atuação privilegiadas, ganhando, no território da Saúde Mental especificamente, solo fértil para desenvolvimento de ações extensionistas.

O município de Betim, atualmente cidade-pólo em Saúde para a região, ganha no cenário nacional notoriedade dada a articulação e sustentação de uma rede de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, tornando-o prescindível. Nesse cenário, recebemos, em 2000, dos trabalhadores da Prefeitura uma demanda para articularmos a entrada de alunos de Psicologia na rede assistencial, como forma de capacitar os interessados em investir posteriormente nesse campo de trabalho.

A proposta incluía intervenções em serviços de complexidade diversa, como se verá na metodologia, exigindo uma associação entre atividades curriculares e extensionistas, conformando um projeto misto que tem, na inclusão do portador de sofrimento mental e na formação ético-política em Saúde Mental do discente, seus objetivos gerais. Além disso, trabalhamos com os seguintes objetivos específicos: familiarizar o estudante de psicologia da PUC-MG/Betim com o cotidiano do trabalho profissional realizado na saúde mental, capacitando-o ética e politicamente à intervenção assistencial e política nesse campo; atualizar o estudante de psicologia junto à discussão e avanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira, bem como de suas repercussões no campo de trabalho do psicólogo; aplicar as diretrizes que ordenam o eixo da Saúde do Curso de Psicologia do Campus de Betim, principalmente no tocante ao trabalho assistencial desenvolvido junto à comunidade betinense; aproximar a Universidade dos serviços abertos públicos municipais, principalmente visando trazer a esses uma contribuição de construção teórica a uma prática que não cessa de expandir seus limites.

Metodologia

A idéia desse programa é a de traçarmos um percurso através do qual o aluno se capacite à intervenção em Saúde Mental gradativamente e conforme os pré-requisitos que sua formação acadêmica o permitam.

Assim, é oferecida a vaga para a ação extensionista em todos os dispositivos abertos e substitutivos da rede de assistência à Saúde Mental de Betim através de atividades que vão da observação participante até chegar ao atendimento clínico da psicose, em conformidade com a estrutura curricular do Curso de Psicologia.

Esses dispositivos apresentam-se sob quatro modalidades: a) centro de convivência, onde usuários estabilizados freqüentam oficinas com vistas à reinserção sócio-familiar; b) moradia assistida, na qual residem aqueles usuários que não possuem outra infra-estrutura residencial; c) centros de saúde, que oferecem acompanhamento clínico ao usuário e apoio familiar, através de equipes mínimas de Saúde Mental (com um psiquiatra e dois técnicos de nível superior da Saúde Mental); d) Cersam, dispositivo mais complexo criado para o atendimento à crise, com equipe multiprofissional e atividades clínicas ampliadas, como acolhimento, consultas médicas, acompanhamento psicoterápico, medicação, visita domiciliar, reunião de usuários, oficinas, entre outros.

A parceria com a Prefeitura Municipal de Betim se constitui atualmente de 15 (quinze) bolsas de um salário mínimo por aluno. A seleção dos estagiários acontece por concurso interno anualmente, período de duração da prática extensionista, que tem caráter continuado, sendo levados em consideração seu perfil teórico, interesse pela área e disponibilidade de tempo do candidato. Cada aluno permanece 20 (vinte) horas por semana no serviço de saúde mental, fora de seu horário regular de aulas na universidade. Os supervisores, também professores do curso, possuem horas de dedicação financiadas pela PUC-MG/Betim para supervisão semanal, reunião com os trabalhadores da Prefeitura e demais ações necessárias à manutenção do programa. E, além da supervisão na universidade, o aluno participa das reuniões semanais e das supervisões da equipe, tendo um técnico em Saúde Mental do serviço como sua referência em campo, reunindo-se periodicamente com esse profissional.

Os alunos vão sendo expostos a atividades de progressiva dificuldade, concorrendo a vagas conforme o período em que se encontram no curso de Psicologia, na medida em que pré-requisitos essenciais ao trabalho em campo sejam cumpridos. Assim, tendo cursado a disciplina de Psicopatologia I e Políticas Sociais, o aluno do sexto período pode realizar a prática de atividades de reabilitação psicossocial, referidas à inserção social do usuário já estabilizado clinicamente junto aos centros de convivência. No período seguinte, somam-se disciplinas de cunho técnico, como a de Teorias e Técnicas Psicoterápicas, que lhe permitem intervenções mais complexas, como aquelas exigidas pela moradia assistida. Culminando com o atendimento clínico à urgência nos Centros de Referência em Saúde Mental para adultos ou para crianças e adolescentes, nos quais os alunos do oitavo período em diante já se encontram aptos a realizarem. Os alunos do décimo e último período do curso acompanham as famílias de usuários nos centros de saúde, na medida em que cursam a disciplina de Terapia Familiar no nono período do curso.

A direção dada aos atendimentos fundamenta-se na proposta da clínica ampliada ou em movimento. Lobosque (2003) sobre o lugar dessa clínica na atual conjuntura da Saúde Mental defende que - na busca de um novo lugar e espaço para a loucura, com menos rigidez e que questione o silenciamento e exclusão provocados pela globalização que atinge a todos nós - ela não tenha um lugar central, não seja um eixo que dirija todas as ações. Antes estas "... ações e estratégias são de ordem diversa, levando-nos a intervir no âmbito da política, do direito, das legislações, da cultura, do trabalho" (p.18). Mesmo na crise psicótica a autora defende que a clínica deva ser subordinada a um projeto que "não é psiquiátrico ou psicológico, mas político e social; a esta ajuda chamaremos de uma clínica em movimento: uma clínica que não caminha para si mesma, mas se combina e se articula com tudo que se movimenta e se transforma na cultura, na vida, no convívio, entre os homens" (LOBOSQUE, 2003: p.21).

Quanto ao subprojeto Saúde Mental e Família, sabemos que boa parte da reinserção social dos portadores de transtorno mental recai sobre as famílias, em geral pobres e despreparadas para prover cuidado familiar e subjetivo. Espaço, na maioria das vezes árduo e tenso, que suporta não só conflitos cristalizados, mas também fortes sensações de impotência e incapacidade, inviabilizando alternativas. Neste contexto, o trabalho com famílias teve início em agosto de 2003, vinculado ao da Saúde Mental, caracterizando-se como um projeto piloto com o intuito de dar respaldo a essa situação. Visando contribuir com o conhecimento acadêmico para a melhoria das condições sociais e subjetivas da comunidade, a partir de uma perspectiva da Clínica Social, a proposta é prestar atendimento às famílias portadoras de membros com psicose e neurose graves. Esse atendimento é realizado com objetivo e tempo limitados, pretendendo abranger as altas demandas existentes.

Ao possuir em seu núcleo um membro com uma psicopatologia grave, a família atravessa, uma série de abalos, vivendo desestabilizações constantes, que exigem a criação de novos territórios existenciais. No processo terapêutico, percebemos frequentemente que as subjetividades envolvidas nesse encontro reproduzem a todo o momento seus arranjos antigos, perpetuando o território existencial experimentado até então (Romagnoli, 2003).

Procuramos, em nossos atendimentos, não só acolher a família e conhecer esse território, mas também ir junto com o grupo na construção de uma outra composição. Defendemos, assim, uma postura contrária à maioria das teorias existentes, que conduzem a uma culpabilização maciça das famílias pelo adoecimento do portador de transtorno mental, por parte dos profissionais de saúde (Rosa, 2003), culpabilização infelizmente confirmada pelas correntes de terapia familiar e pelas análises psicanalíticas e antipsiquiátricas.

Fazendo um percurso sobre as escolas de terapia familiar, Melman (2001) revela que a maioria dos estudos nesse campo enfatiza os aspectos disfuncionais ou patológicos das relações familiares, focando-se em sintomas, conflitos, dificuldades de comunicação e de

desempenho adequado de papéis. Cada uma dessas vertentes, guardadas suas especificidades, trata de responsabilizar a família e, em grande parte as mães, pelo surgimento da doença mental. Assim, o conhecimento “psi” foi em grande parte usado em prol da perseguição da família e não para propiciar a construção de novos territórios existenciais para o grupo.

Combatendo essa postura e insistindo na possibilidade de invenção que o grupo familiar possui, utilizamos as idéias de Deleuze & Guattari (1980), como referencial teórico para o atendimento dessas famílias, que nos permitem examinar os processos de subjetivação tanto na interface indivíduo-sociedade, como entre seus membros. Os autores defendem que a subjetividade não se aplica apenas ao indivíduo e a seus núcleos familiares, como é o caso aqui, mas é imanente a um campo social povoado de entidades incorpóreas, situações, acontecimentos, sendo detentora um caráter de transversalidade. Sua composição é heterogênea, sem nenhuma primazia hierárquica de qualquer componente ou determinante, possuindo capacidade de autopoiese permanente.

Para concretizar essa aposta, o programa conta com quatro estagiários, dos quinze bolsistas, que realizam o atendimento em duplas. Os estagiários inicialmente fazem uma primeira entrevista com as famílias encaminhadas pelos profissionais do serviço, em que preenchem, em conjunto com os responsáveis, o cadastro familiar elaborado pelo programa. Esse cadastro busca conhecer a realidade das famílias atendidas, bem como sua dinâmica de funcionamento, possuindo uma dupla função: tanto preparar os alunos para o primeiro encontro com a família, quanto servir de coleta de dados para a pesquisa simultânea ao programa. Em seguida, efetuamos o atendimento das famílias em seis encontros, podendo ser renovados ou não, de acordo com a avaliação da equipe. Os estagiários também possuem supervisão semanal, na qual os casos atendidos são discutidos e são preenchidos relatórios de acompanhamento do caso.

Vale lembrar que a metodologia usada nesse trabalho fundamenta-se no campo problemático que constitui o espaço da prática psicossocial, aqui entendida como estratégia de imanência e de transversalidade. Campo atravessado por linhas de forças que operam ora para a reprodução, ora para a antiprodução, ora para a produção. Sendo assim, o como conhecer e o como intervir tem como sustentáculo a invenção e a experimentação. Pontos que se dão a partir da escuta e do estabelecimento de um lugar que acolha tanto a angústia das subjetividades que pertencem às famílias dos usuários, quanto as nossas angústias que eclodem na construção de um trabalho com famílias, acreditando na transformação dessa angústia algo produtivo. Sem dúvida, o trabalho com famílias na rede de Saúde Mental é um campo de experimentação em engendramento, em que perguntas e desafios são uma constante, sendo que as respostas e soluções encontradas são transitórias e inacabadas. Contudo, acreditamos que os serviços de Saúde Mental têm potencial para estabelecer uma parceria com as famílias, para ajudar a construir um outro arranjo coletivo, uma outra relação com a doença mental.

A avaliação do programa como um todo se dá sob duas modalidades que envolvem respectivamente o aluno e a estrutura do programa. Na primeira modalidade, temos, ao fim do período anual da atividade extensionista, a apresentação de contribuições teórico-práticas na forma de relatórios, textos e formalização de casos clínicos, através dos quais o aluno discute e avalia sua participação no programa. Já na segunda modalidade, a avaliação do programa é realizada anualmente com todos os técnicos dos serviços e professores envolvidos, bem como com a Referência Técnica em Saúde Mental da Prefeitura. Trabalhamos com avaliação qualitativa em reunião coletiva, através da identificação de aspectos problemáticos do programa que são reformulados para seguimento no ano subsequente.

Resultados e discussão

Esse programa de extensão em saúde mental já tem três anos de funcionamento efetivo, com a passagem de 50 alunos por ele.

Durante o ano em que passam trabalhando em diversos dispositivos da rede de saúde mental, os alunos têm contato estreito com a urgência em saúde mental, desmistificando a idéia de um local de trabalho violento, o que contribui efetivamente para uma disseminação dessas idéias no meio universitário, resultando em uma dialetização das idéias preconceituosas que cercam o universo do tratamento do doente mental.

Além dessa vertente discursiva, o aluno vai progressivamente, guiado por supervisão *in loco* e também por discussões teóricas na Universidade, criando um arcabouço que lhe permite se aproximar do campo profissional de uma maneira efetiva, capacitando-se para a prática da clínica em movimento que articula a dimensão política, social e econômica aos aspectos subjetivos (Lobosque, 2003), conforme característica desse campo.

O serviço de saúde mental ganha com a presença do aluno que parece funcionar com uma dupla função junto à equipe. De um lado, sua presença provoca a discussão acerca das rotinas e procedimentos das unidades de saúde, o que ao nosso ver é uma mola de contínua reflexão das práticas realizadas. Por um outro lado, a disponibilidade do aluno e sua vontade de aprender parecem trazer, no âmbito dos casos clínicos, uma nova apresentação daqueles casos junto à equipe, que se põe a trabalhar questões inusitadas trazidas pelos alunos, como informações que não eram de conhecimento da equipe, ou sobre a dinâmica familiar que os casos apresentam e que nem sempre estão claras.

Os resultados obtidos estão dispersos em vários segmentos, mas é interessante ressaltar que essa prática está estimulando os alunos na elaboração de artigos apresentados em eventos científicos, e nas monografias de final de curso, uma vez que a presença dos alunos no campo de trabalho provoca angústias e questões que trabalhamos em supervisão, mas que endereçamos também às leituras e investigação sistemática de conhecimento especializado no sentido de um clareamento teórico dos impasses encontrados. Temos 32 monografias sobre a prática em Saúde Mental finalizadas ou em andamento e 15 trabalhos apresentados em congressos locais ou nacionais, além de uma pesquisa de aluno finalizada e três em fase de elaboração de proposta, bem como duas de professor, financiadas pela universidade. Além disso, o estímulo advindo com esse programa, acabou por nos levar à montagem de um curso de especialização com ênfase em Saúde Mental, que já se encontra em sua segunda turma.

Quanto aos ex-alunos que passaram pelo programa, temos a contratação de dois psicólogos formados por nosso curso no fim de 2003, e que foram escolhidos por já terem participado desse projeto, sendo considerados aptos para ocupar o cargo aberto, uma vez que já conheciam a dinâmica do trabalho, na sua nuance clínica e social.

Conclusões

Da experiência com esse programa, podemos concluir que a atividade extensionista favorece a formação profissional conferindo-lhe uma característica crítica e operativa que faz toda a diferença na prática do futuro graduado, conferindo a sua profissão uma preocupação comunitária com a aplicação dos conhecimentos adquiridos que evidencia a função social da universidade.

Também acreditamos, com esse programa em particular, que estamos contribuindo para a formação discente em Saúde Mental com uma ênfase no campo profissional e no tecido social, norteamento que vêm conduzindo as diretrizes deste trabalho.

Esse trabalho vem apresentando uma relevância indiscutível na formação do psicólogo em nossa universidade. Os resultados obtidos, a inserção dos mesmos no mercado de trabalho tão logo estejam graduados, a produção acadêmica gerada, o apoio dos trabalhadores da saúde mental da Prefeitura municipal de Betim no testemunho de seus gestores e, principalmente, o impulso que esse projeto vêm dando ao difícil cotidiano dos pacientes portadores de

sofrimento mental e de suas famílias nos anima a prosseguir nesse trabalho, certos que estamos contribuindo no sentido de uma universidade que não esteja fechada às questões psicossociais que a situação brasileira apresenta, e que não recue diante das dificuldades da formação profissional comprometida com a realidade social que a cerca.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix (1980). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

LOBOSQUE, Ana Marta. Clínica em movimento: por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MELMAN, Jonas. Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares. São Paulo: Escrituras, 2001.

NOGUEIRA, Maria das Dores.(Org.). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Clínica e vida no trabalho com famílias. 2003. 210 p. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. Transtorno mental e o cuidado na família. São Paulo: Cortez, 2003.